

## Editorial

A 16ª edição do *Perspetivas económicas em África* evidencia o facto de que o desempenho económico africano está a refletir os perigos da economia global. O crescimento real do PIB da região abrandou para 2.2% em 2016, devido sobretudo à contínua queda nos preços das matérias-primas e ao fraco crescimento económico mundial. A África Oriental foi a região que registou o mais rápido crescimento, com 5.3% de crescimento real do PIB, seguida do Norte de África, com 3%. O crescimento nas outras regiões foi anémico, variando de um mínimo de 0.4% na África Ocidental, arrastado pela recessão na Nigéria, para 1.1% na África Austral, com a África do Sul, a maior economia da região, registando apenas 0.3% de crescimento.

Com setores privados dinâmicos, espírito empresarial e vastos recursos, África tem potencialidades para crescer mais depressa e de forma mais inclusiva. Espera-se que o crescimento médio do continente recupere para 3.4% em 2017, partindo do princípio de que a recuperação nos preços das matérias-primas seja sustentada, a economia mundial apresente melhoras e que as reformas macroeconómicas nacionais sejam consolidada. Em 2018, prevê-se que o crescimento se firme, aumentando 4.3%.

A composição do total de fluxos financeiros para África reflete o dinamismo dos seus mercados internos. Em 2017, projeta-se que os influxos atinjam quase 180 mil milhões de USD. As remessas atingirão 66.2 mil milhões de USD, subindo de 64.6 mil milhões de USD em 2016. Espera-se que os influxos de investimento direto estrangeiro ultrapassem os 57 mil milhões de USD em 2017, apoiados sobretudo por investimentos de raiz oriundos de economias emergentes. A receita fiscal continua a ser a mais importante fonte de financiamento nacional nos países africanos, todavia esta abrandou com a queda dos preços das matérias-primas. Os países africanos terão de explorar outras opções de mobilização de recursos internos para tornar as receitas menos vulneráveis à volatilidade dos preços das matérias-primas.

Desbloquear as fontes de crescimento menos voláteis de África de forma a estimular o desenvolvimento humano exigirá um maior investimento em capital humano – tal como saúde, educação e competências –, capacidades mais sólidas para diversificar o financiamento e esforços mais eficazes para promover a transformação estrutural. Apesar de uma década de progresso, 54% da população em 46 países africanos ainda vivem na pobreza. É essencial duplicar os esforços para capacitar os africanos com as competências necessárias à promoção do desenvolvimento ascendente, impulsionada pela inovação interna e pelo investimento. É por este motivo que o *Perspetivas económicas em África* se debruça este ano sobre o papel dos empresários na industrialização africana.

É fulcral ajudar os países africanos a lidar com os desafios do fraco desenvolvimento humano e da exclusão social e é precisamente esse o presente objetivo. A industrialização é uma das 5 áreas prioritárias (High 5) do Banco Africano de Desenvolvimento. Está também em linha com a proclamação por parte da União Africana da industrialização como a principal estratégia para promover uma transformação económica inclusiva e trata-se do nono Objetivo de Desenvolvimento Sustentável. Além disso, em julho de 2016, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a década de 2016-25 a Terceira década de desenvolvimento industrial para África; e sob a liderança da China, o G20 também acordou, em setembro de 2016, apoiar a industrialização de África como parte do seu Plano de Ação relativo à Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Para reforçar este impulso, o *Perspetivas económicas em África* deste ano propõe várias medidas concretas de ação.



A industrialização de África será diferente da de outras regiões do mundo. Em primeiro lugar, os 54 países africanos são diversificados e seguirão, assim, percursos variados para a industrialização. Em segundo lugar, a industrialização não dependerá unicamente do setor da indústria transformadora, que se mantém nuns modestos 11% do PIB do continente. As políticas industriais do século XXI podem visar setores adicionais com elevadas potencialidades de crescimento, tais como a transformação agrícola e serviços de maior valor acrescentado. Em terceiro lugar, as políticas devem promover uma “industrialização verde”, visto que a evolução tecnológica e as mudanças no mercado possibilitaram que se alcançasse uma industrialização com menores custos ambientais. Deveriam também ser envidados maiores esforços para garantir que são desenvolvidas infraestruturas verdes e que são acessíveis a empresas e cidadãos. Em quarto lugar, e o mais importante, a industrialização de África dependerá igualmente do crescimento sólido das empresas africanas privadas. Assim, as novas estratégias de industrialização devem tirar partido dos empresários africanos em expansão.

A cultura empresarial é vibrante, com cerca de 80% dos africanos encarando o empreendedorismo como uma boa oportunidade de carreira. O continente apresenta a maior proporção de adultos do mundo a gerir ou a lançar novas empresas, mas muitas vezes em setores onde a produtividade permanece baixa. As novas estratégias de industrialização devem concentrar-se em tirar proveito deste dinamismo e direcionar-se para as empresas privadas do continente que apresentem um rápido crescimento, as quais têm potencialidades para criar empregos de qualidade.

Para desbloquear tais enormes potencialidades e diferentes fontes de crescimento, é necessário que, mais do que nunca, haja cooperação global. Perspetivas económicas em África – produzido pelo Banco Africano de Desenvolvimento, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – visa promover dados atualizados e análises para apoiar os decisores políticos de África.

**Akinwumi Ayodeji Adesina**

Presidente,  
Grupo do Banco Africano  
de Desenvolvimento,  
Abidjã

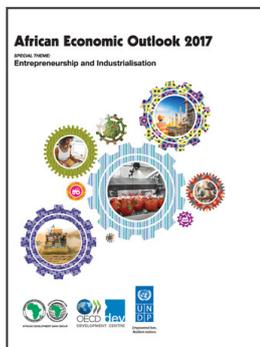
**Angel Gurría**

Secretário-Geral, Organização  
para a Cooperação e o  
Desenvolvimento Económico,  
Paris

**Helen Clark**

Administradora,  
Programa das Nações Unidas  
para o Desenvolvimento,  
Nova Iorque





**From:**  
**African Economic Outlook 2017**  
Entrepreneurship and Industrialisation

**Access the complete publication at:**  
<https://doi.org/10.1787/aeo-2017-en>

**Please cite this chapter as:**

African Development Bank/OECD/United Nations Development Programme (2017), "Editorial", in *African Economic Outlook 2017: Entrepreneurship and Industrialisation*, OECD Publishing, Paris.

DOI: <https://doi.org/10.1787/9789264278707-2-pt>

This work is published under the responsibility of the Secretary-General of the OECD. The opinions expressed and arguments employed herein do not necessarily reflect the official views of OECD member countries.

This document and any map included herein are without prejudice to the status of or sovereignty over any territory, to the delimitation of international frontiers and boundaries and to the name of any territory, city or area.

You can copy, download or print OECD content for your own use, and you can include excerpts from OECD publications, databases and multimedia products in your own documents, presentations, blogs, websites and teaching materials, provided that suitable acknowledgment of OECD as source and copyright owner is given. All requests for public or commercial use and translation rights should be submitted to [rights@oecd.org](mailto:rights@oecd.org). Requests for permission to photocopy portions of this material for public or commercial use shall be addressed directly to the Copyright Clearance Center (CCC) at [info@copyright.com](mailto:info@copyright.com) or the Centre français d'exploitation du droit de copie (CFC) at [contact@cfcopies.com](mailto:contact@cfcopies.com).